

O PASTOR

Nelson Vilhenna

17 de outubro de 2006

A reunião no C.E.F.J. havia começado e, após a oração em favor de encarnados e desencarnados, se apresentou um espírito sofredor através da médium Maria C. Pena, se lamuriando por estar sentindo muito frio e medo de um perseguidor. Eu imediatamente o atendi, pedindo-lhe calma e confiança, pois estava entre amigos. Contudo, o irmão continuava na lamúria repetitiva, sem parecer ouvir o que lhe era falado. Então, iniciei um passe de limpeza da aura, como forma de reduzir as influências deletérias trazidas do nicho astral de onde viera. A seguir falei-lhe, pausada e mansamente, que ele era um filho de Deus e como tal era um espírito eterno, que em tal circunstância não deveria estar sentindo frio, pois isto era uma característica do corpo físico que ele não possuía mais. Com as palavras e os passes, o irmão começou a reduzir a tremedeira, mas aumentou o seu pavor em relação a um perseguidor implacável que não o abandonava. Foi-lhe dito que ele estava sob a proteção de Deus e que os mensageiros do Pai não permitiriam mais que ele fosse molestado. A partir daquele momento ele deveria entregar a sua vida ao Pai Celestial, confiando sinceramente Nele, que tudo iria melhorar.

O irmão foi se acalmado e iniciava um agradecimento pelo bem estar que já sentia, quando, pelo médium Reinaldo, manifestou-se uma entidade revoltada. Ela disse que aquele irmão não poderia ser ajudado, pois era um assassino e deveria pagar pelo seu crime. Como a primeira entidade já havia se acalmado, para que não se desequilibrasse novamente, fui atender à segunda entidade. Ao dirigir-me ao novo irmão com palavras de boas vindas, fui questionado sobre a razão de estarmos ajudando alguém que não tinha merecimento, pois era um bandido. Argumentei que só tinham a permissão de Deus para entrar naquela casa, aqueles que já estavam prontos para receber a Sua Misericórdia, e o primeiro irmão havia se arrependido dos seus erros.

A nova entidade, mais revoltada ainda, asseverou: -“Como Deus pode perdoar alguém que tira a vida de inocentes e deixa os justos sofrendo?” Respondi que Deus está mais atento ao nosso arrependimento verdadeiro e, por esta razão, aquele irmão estava sendo amparado. Então, a entidade falou: -“Mas ele assassinou-me friamente!”

Verifiquei a dificuldade do irmão em entender os caminhos seguidos pela Misericórdia Divina para recuperar os filhos em sofrimento. Assim, iniciei um diálogo mais amoroso com aquele irmão, dizendo-lhe que nos era muitas vezes difícil entender as “atitudes Divinas”, por não termos ainda aprendido a Amar. Em seguida, o interlocutor colocou: -“Você não compreende! Eu fiz tudo para viver com dignidade sem fazer mal a ninguém. Estudei e ordenei-me pastor para assim ter uma vida honesta e ajudar as pessoas da minha congregação a seguirem os passos de Jesus. Entretanto, num dia de domingo, quando voltava da igreja após o

culto, sozinho e a pé pela estrada, fui surpreendido por este marginal armado para assaltar-me. Reagi. Lutamos e fui ferido, mas mesmo assim consegui matá-lo, tendo, porém, morrido logo em seguida por falta de socorro. E tu queres que eu o perdoe?”

Após identificar a sua condição de pastor, fraternalmente aproximei-me do ouvido do médium, para falar baixinho de modo a não envergonhar a entidade diante dos assistentes: -“ Meu irmão, tu eras o representante de Deus junto aos membros da tua comunidade e deverias dar a eles o exemplo do Amor ensinado pelo Mestre Jesus. Esqueceste das passagens em que Jesus disse *quando alguém pleitear contigo, e tirar-te o vestido, larga-lhe também o casaco* (Mateus 5: 40); e *amai os vossos inimigos e bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus* (Mateus 5: 44-45); e ainda *amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento e amarás o teu próximo como a ti mesmo* (Mateus 22: 37-39). Estiveste mais preso aos bens materiais do que aos espirituais. Por esta razão, ainda tens dificuldades de libertar-te daquela ação infeliz cometida pelo nosso irmão. Ainda digo-te, meu caro, que aquilo não aconteceu por acaso. Vamos lembrar de um passado remoto e verificar a razão daquele encontro.” Assim, em sintonia com os mensageiros espirituais, promovi a abertura da tela mental da entidade, que pôde constatar que em outra encarnação havia matado aquele primeiro irmão, também por roubo.

O irmão, ao se deparar com o seu passado devedor, não entendeu de imediato o que estava acontecendo e perguntou o que representava aquilo que estava presenciando, pois não se lembrava de ter participado daquela situação. Expliquei-lhe que aquelas eram imagens oriundas do seu subconsciente, ao que o irmão contestou, pois havia pautado sua vida na paz e no estudo da Bíblia. Foi-lhe então esclarecido, que aquela lembrança se relacionava a uma vida passada e não a esta última. O irmão, inquieto, indagou: -“Por acaso queres convencer-me de que já vivi outras vidas, tentando induzir-me a acreditar na reencarnação? Só temos uma vida!” Eu então, calmamente, disse-lhe: -“Meu irmão, não estou tentando convencer-te de nada. O que estás vendo é registro da tua mente espiritual. Procura observar e sentir se as imagens vêm de fora ou de dentro de ti mesmo. Nós fomos criados à semelhança de Deus pelo próprio Pai Celestial e, por esta razão, temos a vida eterna em espírito, ora vivenciando uma experiência encarnado, ora retornando à vida espiritual para avaliar o aprendizado na vida carnal. E assim repetimos esta experiência, quantas vezes forem necessárias, até que tenhamos aprendido a amar verdadeiramente.” A entidade, que ouvia atentamente e emocionada, caiu em prantos e disse que não sabia de nada, questionando por que razão Deus não lhe havia mostrado isto para que ele não houvesse errado. Foi-lhe dito então, que o esquecimento era parte da Misericórdia Divina, para que não nos embaraçássemos diante dos erros quando tivéssemos que passar por

situação idêntica e, ao vivenciá-la, usássemos o nosso livre arbítrio, associado aos ensinamentos recebidos antes da nova encarnação, decidindo a forma de agir sem interferência das lembranças.

Arrependido por não ter cumprido seus compromissos como ser humano e como pastor, o irmão não se sentia digno do perdão de Deus. Porém, falei-lhe que Deus via o que havia em seu coração e, da mesma forma que aquele pai recebera o filho pródigo arrependido (Lucas 15: 11-32), ele também seria amparado pelo Amor Divino. Era, porém, importante que os dois antigos adversários ali presentes se perdoassem, para que aquela chaga fosse curada e eles pudessem ter, em nova encarnação, um encontro de entendimento.

Os dois, aos prantos, se despediram e partiram para um novo aprendizado, agora aliviados pela compreensão da Lei Universal.